

O CINEMA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A INCLUSÃO: FESTIVAL “ASSIM VIVEMOS” E SUA POTENCIALIDADE PEDAGÓGICA

JOEANNE NEVES FRAZ¹; ELLEN MICHELLE BARBOSA DE MOURA²; KARLA VANESSA GOMES DOS SANTOS³; GERALDO EUSTÁQUIO MOREIRA⁴

1 Doutoranda em Educação pela UnB, Licenciada e Bacharel em História pela UNESP. E-mail: fraz.joanne@gmail.com

2 Doutoranda em Educação pela UnB, Graduada em Pedagogia pela UEMG. E-mail: ellenmou@gmail.com

3 Mestra em Educação pela UnB, Graduada em Pedagogia pela Universidade Católica de Brasília; Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. E-mail: prof.karlasantos@gmail.com

4 Doutor em Educação Matemática pela PUC-SP, Pós-doutorado em Educação pela UERJ, Professor da UnB. E-mail: geust2007@gmail.com

RESUMO

Filmes que incluem a temática inclusão estão aparecendo nas telas dos cinemas com mais frequência, maiormente com histórias que inspiram e que, ao sensibilizar o espectador, possibilitam a empatia e o reconhecimento de si na película. Diante deste fator, este artigo tem como objetivo refletir sobre as potencialidades da utilização de filmes como instrumentos de mediação do tema inclusão na cena de formação de professores, tendo como inspiração os filmes do Festival Assim Vivemos, edição de 2021 que, pelo advento da pandemia da Covid-19, aconteceu no formato on-line, o que democratizou o acesso. Nesta edição on-line do festival, os filmes apresentados abordam desde a condição conhecida como “ossos de vidro”, à Síndrome de Down, às múltiplas deficiências (visual, intelectual e física), Autismo, Asperger, TORCH Syndrome, além de temáticas mais específicas como transgênero com deficiência e mulher negra cadeirante. Estudo de caráter descritivo e exploratório, de abordagem qualitativa e como procedimento a pesquisa bibliográfica. Tem como principais resultados a importância do cinema como fonte de diálogo, ampliação da visão de mundo e capacidade de entendimento de realidades complexas. Conclusivamente, percebe-se que a potencialidade pedagógica do Festival Assim Vivemos está em oferecer material diferenciado, amplo e compilado sobre a temática da inclusão considerando os sujeitos em suas especificidades, garantindo o nada sobre nós, sem nós: por isso a pertinência de sua utilização neste cenário. Visto que entendemos que a formação de professores se enriquece ao considerar a produção cinematográfica e outras linguagens como formadoras e potencializadoras das discussões sobre temas diversos, colocando foco, neste artigo, para possíveis reflexões acerca da inclusão por meio de filmes do Festival “Assim Vivemos”.

Palavras-chave: Cinema; Inclusão; Formação de professores.

THE CINEMA IN TEACHER TRAINING FOR INCLUSION: “ASSIM VIVEMOS” FESTIVAL AND ITS PEDAGOGICAL POTENTIAL

ABSTRACT

Films that include the theme of inclusion are appearing on movie screens more frequently, mostly with stories that inspire and that, by sensitizing the viewer, enable empathy and self-recognition in the film. Hence, this article aims to reflect on the potentialities of using films as mediation tools for the theme inclusion in the teacher education scene, having as inspiration the movies shown in the 2021 edition of the “Assim Vivemos” Festival, which, due to the advent of the Covid-19 pandemic, took place in the online format, which democratized the access. In this online edition of the festival, the films presented approach from the condition known as “glass bones”, to Down Syndrome, to multiple disabilities (visual, intellectual and physical), Autism, Asperger's, TORCH Syndrome, besides more specific themes such as transgender with disabilities and black woman in wheelchairs. This is a descriptive and exploratory study, with a qualitative approach and bibliographic research as a procedure. Its main results are the importance of cinema as a source of dialogue, expansion of worldview and ability to understand complex realities. Conclusively, we realize that the pedagogical potential of the Festival “Assim Vivemos” is in offering differentiated, ample and compiled material on the theme of inclusion

considering the subjects in their specificities, ensuring the nothing about us, without us: therefore the pertinence of its use in this scenario. Since we understand that the formation of teachers is enriched when considering the cinematographic production and other languages as formative and potentiators of discussions on different themes, we focus, in this article, on possible reflections about inclusion through films of the “Assim Vivemos” Festival.

Keywords: Cinema; Inclusion; Teachers’ training.

1 APRESENTANDO O TEMA E O ROTEIRO DA REFLEXÃO

O grande público, atualmente, tem mais acesso ao conhecimento do real e da realidade por meio das telas dos computadores, celulares, televisão e cinema do que pela via da leitura e do ensino nas escolas: o que torna a *educação pelo olhar* um dos caminhos para o melhor entendimento do mundo atual (CHALUH, 2012). Ressalta-se a capacidade do cinema, obra de arte passível à reprodutibilidade, de penetrar na massa, de transportar o sujeito àquela realidade, sendo uma via para o conhecimento do outro quando o *écran* se ilumina (BENJAMIN, 1994), com potencial de afetar as pessoas, influir em comportamentos e disseminar ideias (TEIXEIRA; GRAMMONT; AZEVEDO, 2014).

Ao tratar de temáticas cada vez mais próximas da realidade e sua diversidade, filmes sobre inclusão estão aparecendo nas telas dos cinemas com mais frequência, maiormente com histórias que inspiram e que, ao sensibilizar o espectador, possibilitam a empatia e o reconhecimento de si na película. Assim, podem servir não apenas como inspiração, mas trazer, pelo intermédio de uma história emocionante, um aprendizado de vida, como apontam Amaral e Monteiro (2016, p. 513) ao destacarem: “O que distingue, portanto, o filme, a linguagem cinematográfica, de outros meios de representação é o seu princípio básico, a reprodução fotográfica da realidade”.

Debruçando-nos sobre a experiência cinematográfica de um festival de cinema, cuja temática é a inclusão de pessoas com deficiência, ou seja, observamos que os filmes que abordam esse tema estão ganhando público e trazendo no seu bojo possibilidades para o ensino e para a aprendizagem. O tema inclusão social em filmes nos apresenta as barreiras enfrentadas pelas pessoas com deficiência, como estas as superam e, assim, o ato de ser expectador, como afirma Gadamer (2015, p. 181), torna-se “[...] uma forma de participação verdadeira”. Os filmes, segundo Almeida (2001, p. 9), têm um forte grau de realidade, uma “realidade no sentido de que aquilo que a pessoa está vendo ‘é’ mais do que ‘parece ser’”.

Neste estudo, elencamos as propostas de filmes que fizeram parte do Festival *Assim Vivemos - Festival Internacional de Filmes sobre Deficiência* de 2021¹, realizado no cenário de

¹ Disponível em: <https://assimvivemos.com.br/2021/online/>. Acesso em: 14 abr. 2021.

pandemia do novo coronavírus e no formato on-line. O envolvimento do campo cultural com as novas tecnologias digitais já vinha acontecendo antes do atual contexto pandêmico. Barbosa (2019, p. 21) aponta que “no campo da cultura, as novas tecnologias digitais têm afetado a criação, disseminação e fruição de bens culturais, sobretudo por meio da internet, alterando substancialmente mercados já estabelecidos e, em alguns casos, criando novas formas de consumo e circulação de produtos”. E, em consonância, Fraz *et al.* (2019, p. 74) defendem que “[...] quebrar barreiras nos ambientes virtuais, tornar uma página acessível é permitir que diferentes tipos de pessoas, com deficiência ou não, possam chegar aos conteúdos e compreendê-los com autonomia”.

Com o advento da pandemia do novo coronavírus, de acordo com o Painel TIC COVID-19 (NIC.br, 2021, p. 55), houve uma “[...] ampliação das atividades culturais realizadas na Internet durante o período da pandemia, com maior proporção de usuários da rede ouvindo músicas, assistindo a vídeos e lendo notícias pela Internet. O mesmo ocorreu com o pagamento por serviços relacionados ao acesso a conteúdos audiovisuais on-line, como *streaming* de filmes e séries e de músicas”. Neste sentido, verifica-se que, em relação ao cinema, foram abertos outros espaços de exibição e que esta edição virtual oportunizou mais acesso, tal qual explica Graciela Pozzobon da Costa (2021, n/p), diretora do festival:

Sempre tivemos uma demanda muito grande de pessoas e instituições querendo os filmes do *Assim Vivemos* para exibir nos seus espaços de trabalho. Profissionais de outros estados onde o festival presencial não percorre, solicitavam o acervo, porém por questões de direitos de exibição nunca podíamos atender. Agora, com a versão on-line do festival, estamos tendo a chance de ampliar esse alcance. O *Assim Vivemos On-line* está sendo preparado com ambiente virtual acessível e recursos de acessibilidade comunicacional para que todos em qualquer lugar do mundo, possam acessar com facilidade.

Nesta perspectiva, Riegel *et al.* (2019, p. 45) apontam, com base no estudo quantitativo feito pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) em 2018, que “[...] a Internet *per se* amplia a possibilidade de consumo cultural, revelando com facilidade a presença de uma multiculturalidade na oferta de produtos estrangeiros, sobretudo no campo do audiovisual”. Assim sendo, a escolha das possibilidades abertas pelo Festival *Assim Vivemos*, tanto para refletirmos sobre a temática quanto para inserirmos seus filmes na formação de professores (consequentemente, adentrando na prática docente), se dá pelo fato de procurarmos abordar o potencial sensível do cinema para um público já acostumado com a linguagem simbólica das imagens, mais acostumado com o estímulo audiovisual, cujo acesso foi/é facilitado pela Internet.

Tal escolha também é pela possibilidade de produzir e reproduzir relações sociais, suscitar sentimentos e a sensação de realidade, questionando-a e compreendendo os contextos da inclusão por meio do desenrolar das cenas. Para Mello (2016, p. 35): “Essa criação de um real cinematográfico é poderosíssima, pois carrega uma força impressionante de captura de ambas as realidades, a imagem e o som, portanto, flerta fortemente com “a verdade””.

Quando trazida para o primeiro plano da Educação e da formação de professores, a temática inclusão social/acessibilidade multiplica ainda mais as propostas de reflexão, análise e diálogo com as possibilidades fílmicas que o Festival nos traz, visto que a composição de filmes de suas edições aborda uma gama de deficiências que proporcionam conhecimentos importantes, particularidades e especificidades de cada uma. Assim, como a promoção da consciência sociopolítica, o respeito à dignidade humana via acesso à cultura beneficia o trabalho docente com relação à inclusão e à acessibilidade. Conforme pontuam Vieira e Moreira (2020, p. 175):

[...] ambicionar uma sociedade que preserva a dignidade humana em todas as suas nuances, é crer que a educação seja protagonista na construção de um processo formativo de estudantes capazes de trilharem sua trajetória com alteridade e dignidade, respeitando as diferenças e reconhecendo o ‘outro’.

Essa perspectiva gera o diálogo com Amaral e Monteiro (2016, p. 513), quando estes constatarem “[...] a necessidade de capacitação de professores e a reflexão de como o comportamento e as concepções desses docentes podem afetar o processo de inclusão”.

Nesta edição on-line do festival, os filmes apresentados abordam desde a condição conhecida como “ossos de vidro”, à Síndrome de Down, às múltiplas deficiências (visual, intelectual e física), Autismo, Asperger, TORCH Syndrome (TORCH define uma série de doenças infecciosas com aspecto clínico semelhante e representado por infecções causadas pelo *Toxoplasma Gondii*, vírus da rubéola, citomegalovírus e herpes vírus), além de temáticas mais específicas como transgênero com deficiência e mulher negra cadeirante, o que suscitou a problemática desta reflexão: Qual a potencialidade da utilização de filmes (do cinema) como instrumentos de mediação do tema inclusão na cena de formação de professores? Neste estudo, apresentamos o potencial pedagógico dos filmes do festival de cinema *Assim Vivemos - Festival Internacional de Filmes sobre Deficiência* (edição de 2021, on-line) e a possibilidade de uso destes na formação de professores.

No contexto de formação de professores é importante apontar caminhos que ampliem as possibilidades de ensino e de aprendizagem. O caudal de possíveis em termos de análises no campo da Educação, da Educação Inclusiva e em relação à acessibilidade abertas pelo Festival *Assim Vivemos* o torna base dessa reflexão, que conecta Educação e acesso à cultura pela

pessoa com deficiência. Segundo Fresquet (2013, p. 19), “[...] os possíveis vínculos entre o cinema e a educação se multiplicam a cada momento, a cada nova iniciativa ou projeto que os coloca em diálogo”. Entendemos que, qualquer artefato cultural pode ser educativo, desde que receba um tratamento pedagógico, desde que ocorra uma mediação apropriada (FRAZ, 2004).

Este artigo de caráter descritivo e exploratório, e de abordagem qualitativa, objetiva refletir sobre a potencialidade da utilização de filmes (do cinema) como instrumentos de mediação do tema inclusão na cena de formação de professores, tendo como base da seleção os filmes do Festival *Assim Vivemos*, edição de 2021, realizada no formato on-line.

Para isso, esta proposta de reflexão é composta por uma seção que apresenta o Festival *Assim Vivemos*, sua trajetória e atual edição; seguida pelo tópico que aborda a pessoa com deficiência como protagonista e reflete sobre duas situações de acessibilidade à cultura (como “fazedor” e como expectador); depois segue-se o tópico que relaciona o tema ao cinema e à formação de professores, finalizando com as reflexões que o estudo possibilitou aos autores.

2 ACESSIBILIDADE À CULTURA E O FESTIVAL ASSIM VIVEMOS

O *Assim Vivemos – Festival Internacional de Filmes sobre Deficiência* é um importante e, como explicam seus idealizadores, o mais longo evento de cinema sobre o tema ao englobar a tríade pessoas com deficiência, acessibilidade e inclusão social/cultural. O festival foi fundado por Lara Pozzobon (diretora e curadora das oito primeiras edições) e é realizado, no Brasil, desde 2003 enquanto o primeiro evento público de exibição de filmes no país a oferecer audiodescrição, um recurso de acessibilidade que descreve os elementos visuais para as pessoas com deficiência visual.

Desse recurso assistivo se beneficiam as pessoas com dificuldade de leitura rápida (no caso dos filmes estrangeiros exibidos com legendas em português), pessoas com deficiência intelectual, com déficit de atenção ou com baixa visão. Assim, caracteriza-se a acessibilidade que, segundo Hott e Fraz (2019, p. 207), é entendida como “[...] um processo dinâmico associado, principalmente, ao desenvolvimento da sociedade: uma sociedade inclusiva com sujeitos protagonistas, responsáveis e corresponsáveis para a não exclusão das diferenças, da diversidade”.

Para além da eliminação das barreiras físicas, os filmes e debates do festival contam com recursos de acessibilidade como a audiodescrição, as legendas LSE (legendas para surdos e ensurdecidos) e que contêm descrição dos elementos sonoros, além dos diálogos e narrações veiculados nos filmes) e interpretação em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Esses

recursos passaram a ser contemplados pela Agência Nacional do Cinema (ANCINE), por meio da Instrução Normativa nº 116, de 18 de dezembro de 2014, que dispõe sobre as normas gerais e critérios básicos de acessibilidade que precisam constar nos projetos audiovisuais financiados com recursos públicos federais geridos pela Agência, enquanto “uma ação no âmbito das políticas públicas transversais de acessibilidade que vêm sendo desenvolvidas pela ANCINE” (ANCINE, 2014, n/p).

Mais atualmente, foi sancionada a Lei nº 14.009, de 3 de junho de 2020, que altera o Art. 125 da Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, e dispõe sobre a acessibilidade para pessoas com deficiência às salas de cinema, favorecendo às pessoas com deficiência o direito ao acesso à cultura, à informação e à comunicação em igualdade de condições (DALL’AGNOL, 2019).

Na edição de 2007, o festival foi o primeiro a convidar uma pessoa cega, Marco Antonio de Queiroz, para integrar o júri que premia os melhores filmes. Diante disso, o festival distribuiu, gratuitamente, os catálogos dos filmes também na versão em Braille, contendo os dados e sinopses dos filmes, assim como a programação do festival em cada cidade.

O festival é realizado em locais com acessibilidade física para usuários de cadeiras de rodas e pessoas com mobilidade reduzida, corroborando, assim, com o afirmado por Amaral e Monteiro (2016, p. 524), pois, para os autores, “as características físicas e/ou mentais não podem constituir limites para esses indivíduos, mas, sim, pontos de partida para a criação de outros caminhos que lhes permitam o acesso a toda a produção cultural da humanidade”. Essa acessibilidade aos bens culturais encontra respaldo na Lei Brasileira de Inclusão (LBI), Lei nº. 13.146/2015, o Estatuto da Pessoa com Deficiência, que reserva um capítulo exclusivo para tratar sobre o direito à cultura, ao esporte, ao turismo e ao lazer, garantindo, no Art. 42, o acesso a esses recursos, incluído o cinema, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas (BRASIL, 2015). Conforme Hott e Fraz (2019, p. 208), “os espaços públicos são para todas as pessoas, inclusive indivíduos com deficiência que possuem o direito de ir e vir. Então, trata-se de um exercício de adaptação diário, e para cada situação e contexto”.

Esse direito está completado no Art. 44, cujo parágrafo 6º prevê que as salas de cinema devem oferecer, em todas as sessões, recursos de acessibilidade para a pessoa com deficiência, assim como versa também o Art. 67 sobre a obrigatoriedade da subtítuloção por meio de legenda oculta, janela com intérprete da Libras e audiodescrição (BRASIL, 2015). Segundo Omote (1999, p. 9), “uma sociedade altamente inclusiva necessita oferecer uma ampla gama de variedade de serviços especializados, altamente diferenciados para atender as mais variadas necessidades especiais de todos os cidadãos”, o que se estende ao acesso à cultura. E, ainda,

Ao se falar em acessibilidade nos cinemas, é importante entender que este constitui um bem cultural material e intelectual. Em seu primeiro aspecto, o acesso aos bens materiais – que são as salas de cinema – pode ser visto como a garantia de supressão de barreiras físicas e arquitetônicas. Por outro lado, o acesso aos bens intelectuais – ou seja, aos filmes – devem igualmente ser assegurado (DALL’AGNOL, 2019, n/p).

Na edição de 2021, o Festival exibiu 14 filmes premiados e consagrados em edições anteriores e dois brasileiros inéditos, além de ter promovido quatro debates. As produções (curtas, médias e longas metragens), dispostas no quadro a seguir com suas sinopses, vêm da Bielorrússia, Canadá, Espanha, França, Irã, Israel, Moçambique, Mianmar, Rússia e Tailândia.

QUADRO 01 – FILMES E SINOPSES

PRODUÇÃO (LOCAL/ANO)	SINOPSE
A largura e o comprimento do céu (França, 1998)	Jean-Claude Grenier nasceu em Orleans, França, com a condição conhecida como “ossos de vidro”. Por muitos anos, esteve envolvido em trabalhos sociais, até ser descoberto por Geneiève de Kermabon e convidado para a versão teatral do clássico filme de Tod Browning, “Freak”. Grenier excursionou pela Europa com o ARCHAOS Circus, fez aulas de interpretação e aperfeiçoou suas habilidades dramáticas. Trabalhou com Joël Jouanneau, Karim Didri, Rollando Colla e Anne-Laure Rouxel, entre outros. O filme mostra Jean-Claude Grenier no trabalho e nas ruas, encontrando-se com a família e participando de uma festa com os amigos (Direção: Dominique Margot).
O que tem debaixo do seu chapéu? (Espanha, 2006)	Judith Scott é uma escultora, que trabalha em isolamento causado por sua deficiência. Nasceu com Síndrome de Down e não falava. Aos sete anos, foi considerada incapacitada. “Alto grau de retardo mental”: este foi o diagnóstico e a razão pela qual ela foi separada de sua família. Ninguém percebera que ela era surda até os seus 40 anos de idade. Passou a maior parte da vida esquecida, internada em instituições. Sua irmã gêmea, que não tem deficiência, vai em busca da irmã e nos ajuda a remontar sua história. Judith agora é uma artista reconhecida (Direção: Lola Barrera e Iñaki Peñañiel).
Ver e crer (Rússia, 2007)	Sergey, 22 anos, é cego desde os oito. Está no terceiro ano da universidade, onde estuda computação. É independente e pratica esportes – futebol e judô. Sergey aprendeu a perceber a trajetória da bola através da audição. Desenvolveu esta capacidade jogando “golbol”, um jogo semelhante ao futebol, jogado por pessoas com deficiência visual parcial ou total. O filme mostra um pouco da sua vida, seus amigos, hobbies, estudos e esportes favoritos (Direção: Tofik Shakhverdiev).
Somos todos Daniel (Canadá, 2009)	No verão de 2007, estudantes da Escola Summit de Montreal com deficiências intelectuais, emocionais e comportamentais ensaiam uma complexa peça de teatro musical. A peça conta a jornada de um estudante

	com autismo que chega em uma nova escola. O documentário acompanha os ensaios da peça, dando destaque a seis estudantes, seus pais e professores. Autismo, Asperger, Síndrome de Down, TORCH Syndrome, A.D.D., suas manifestações e consequências são reveladas. Essa jornada, em que, às vezes, a ficção se mistura com a realidade, revela a beleza desses jovens, suas habilidades e o fascinante efeito de sua honestidade (Direção: Jesse Heffring)
De corpo e alma (Moçambique, 2010)	A vida de três jovens com deficiência física que moram em um subúrbio de Maputo, capital de Moçambique, que dão exemplo de autoestima, perseverança e criatividade para superar os desafios físicos e emocionais do dia a dia (Direção: Matthieu Bron).
Quando brilha um raio de luz (Irã, 2010)	Mitra é uma moça com deficiência física de uma aldeia de natureza exuberante em Talesh, no Irã. Sua irmã, Jamileh, é surda. Aparentemente, o destino concedeu a elas aptidões complementares. Como resultado, as duas irmãs desenvolveram um relacionamento forte e intenso. A deficiência física de Mitra não a impediu de descobrir o talento para o desenho e de cultivar a alegria de viver (Direção: Shahriar Pourseyedian).
Soluções promissoras (França, 2012)	A produção remonta a investigação de Romain Carciofo sobre o autismo. O diretor atravessa a França para responder uma questão: Como as pessoas com autismo e suas famílias são assistidas na França? Esse tocante documentário ilumina a situação alarmante das pessoas que sofrem de autismo e mostra como seus parentes estão lidando com esse transtorno (Direção: Romain Carciofo).
Estrangeiros (Brasil, 2013)	A fala tem poder e se impõe como forma superior de comunicação, forçando pessoas surdas a aprenderem a repetir sons que não conseguem ouvir. Até que, muitas vezes, chega o momento em que o surdo descobre que foi inútil o tempo em que tentou aprender algo que simplesmente não lhe servia. O filme pretende mostrar um caminho de descoberta, dúvida, silêncio, alegria, aceitação, incompreensão e afirmação (Direção: Sônia Machado Lima).
Beleza desconhecida (Irã, 2014)	O documentário retrata a vida de três mulheres no Irã que tentam levar uma vida independente e sair do isolamento. Apesar de suas lutas diárias em um país que lhes oferece serviços precários, essas mulheres iranianas aceitam suas deficiências e trabalham duro para desenvolver seus talentos artísticos (Direção: Mahboubeh Honarian).
Dentro de mim (Tailândia, 2015)	Cherry é uma mulher transgênero com deficiência, que deseja o amor de um homem, embora possa comprar satisfação física em um bar. Mas o que ela mais anseia é o amor de sua mãe e de seu pai (Direção: Sophon Shimjinda).
Independente (Israel, 2015)	Eldar Yusopov nasceu no Usbequistão há 27 anos. Durante seu parto houve complicações e o médico perguntou a seu pai quem deveria viver – Eldar ou sua mãe. O pai decidiu que sua mulher deveria viver e Eldar nasceu morto. Mas, contra todas as previsões médicas ele reviveu, com paralisia cerebral e,

	desde então, faz de tudo para se posicionar e fazer-se ouvir. Ele não consegue falar nem segurar uma caneca, mas escreve roteiros de filmes e ainda interpreta o personagem principal. Seus pais não permitem que viva sozinho e na sua busca por independência ele tem que provar – para si mesmo e para sua família, que ele pode ser um cara normal como todos à sua volta (Direção: Ariela Alush).
Uma menina em 10×10 (Myanmar, 2016)	Ngu Wah Hlaing foi abandonada por sua mãe quando era um bebê por causa de sua deficiência. Uma monja e seu filho, que é transgênero, a adotaram e a amam. Atualmente, Ngu Wah Hlaing tem 11 anos de idade, mas não sabe ler e escrever porque é recusada pelas escolas devido à sua deficiência (Direção: Mai May Sakarwah, Mary e Yu Par Mo Mo).
Mona (Brasil, 2018)	Em 2017, Mona se torna a primeira mulher negra cadeirante a se apresentar no Teatro Municipal de São Paulo, Brasil. Quebrando barreiras no mundo da dança, Mona também representa a superação de preconceitos cotidianos contra pessoas negras na maior cidade da América do Sul. Como bailarina e atriz, ela é hoje um símbolo nacional de resistência (Direção: Lucca Messer).
Quem é o último? (Bielorrússia, 2018)	O filme retrata um projeto teatral no qual crianças com e sem autismo atuam juntas no palco, mostrando como os professores trabalham e como conseguem unir crianças com diferentes necessidades emocionais, físicas e mentais. No filme, conhecemos quatro personagens, Kastus, Misha, Vlada e Maxim, estudando e ensaiando com dedicação ao teatro (Direção: Siarhei Isakov).
O que pode um corpo? (Brasil, 2020)	Um bebê nasce, mas não chora. Um corpo grita e não é ouvido. As tintas que escorrem em um futuro prometido não chegam em uma pessoa com deficiência. Victor faz de si a própria tela de um autorretrato em um universo de pintores ausentes (Direção: Victor Di Marco e Márcio Picoli).
Stimados autistas (Brasil, 2020)	Adultos autistas diagnosticados tardiamente falam com outro autista sobre como foi crescer sem o diagnóstico, como foi a busca por profissionais e sobre as adaptações feitas após descobrirem que são autistas (Direção: Cristiano de Oliveira).

Fonte: Elaborado pelo autores (2021).

Os debates² são parte do desenvolvimento do festival, considerados pelos organizadores como *espaços de encontros e reflexões sobre os temas propostos nos filmes* e tiveram a participação de pessoas com deficiência e profissionais que atuam diretamente com os temas trazidos pelos filmes apresentados. De acordo com Melo (2016, p. 36) seria compreender o “filme como fim”, em que

² Debates disponíveis em: <https://assimvivemos.com.br/2021/online/>. Acesso em: 16 jun. 2021.

[...] o uso da linguagem cinematográfica que visa, por intermédio da exibição de filmes, a uma consequente discussão, a um debate, a uma roda de conversa ou, ainda, a algumas atividades nascidas das reflexões, apropriações e vivências dos espectadores. É o que se faz na absoluta maioria dos casos percebidos na literatura sobre cinema e educação.

Sob a mediação de Lara Valentina Pozzobon da Costa (fundadora do Festival), nesta edição on-line, os temas debatidos foram: Arte e Diversidade com os convidados Lucio Piantino e Moira Braga; Escola e Vida Independente com os convidados Mona Rikumbi e Victor Di Marco; Vida Amorosa e Autonomia com Lucília Machado e Rosângela Berman Bieler; e Autismo e Neurodiversidade com a participação de Cristiano de Oliveira e Laís Silva Costa.

Quando trazido para a educação e para a formação de professores, o debate pode possibilitar e provocar a reflexão e o diálogo sobre a temática em estudo, somada à questão da acessibilidade à cultura.

3 PARA ALÉM DA IMAGEM EM MOVIMENTO: A PESSOA COM DEFICIÊNCIA COMO PROTAGONISTA

O critério de seleção dos filmes do Festival *Assim Vivemos* é o protagonismo da pessoa com deficiência que, para Graciela Pozzobon (2021, n/p), atual diretora do evento, são “histórias de vidas, de amores, dúvidas, aceitações e frustrações. Trajetórias que perguntam, que buscam pertencimento, soluções, espaços e trocas”. E que permitem a empatia, a relação, interação, convivência, conhecimento e reconhecimento em relação àquele outro na tela.

Em qualquer sociedade, existem valores culturais que determinam a forma de olhar o outro, e esses valores são refletidos nas palavras ditas. Por isso, “em todas as sociedades a palavra ‘deficiente’ adquire um valor cultural segundo padrões, regras, e normas estabelecidas no bojo de suas relações sociais” (RIBAS, 1989, p. 12). Assim, determinam-se as representações da pessoa com deficiência que vem se modificando à medida que as sociedades vão vivenciando a deficiência em suas formas. Segundo Omote (1999, p. 4),

A história do tratamento dispensado pelas sociedades aos seus deficientes confunde-se com a história das conquistas dessas sociedades em direção à melhoria na qualidade de vida das populações. Houve formas extremas de segregação praticadas em relação a deficientes, em épocas difíceis para a maioria das pessoas comuns. Os deficientes deixaram de ser abandonados à própria sorte, conquistando direito à vida. Iniciaram um longo percurso em direção à conquista do direito à vida digna e integral, abandonando os porões, asilos e grandes instituições residenciais.

A produção cinematográfica, ao apresentar suas histórias, pode cristalizar fatos, personagens e ideias. Para Barbosa e Cunha (2006, p. 56), “O cinema é, sim, produto das formas pelas quais uma sociedade constrói suas representações. Um filme opera os códigos culturais da sociedade da qual ele é originário. Ele faz parte de um contexto”. São representações dos homens em cenas, imagens fortuitas e instantâneas do cotidiano que possibilitam o reconhecimento de si na trama.

Ao tratar em seu estudo sobre a representação da pessoa com deficiência no cinema brasileiro, Albuquerque (2008, p. 22) apresenta-nos a história do cinema mundial relacionada à representação do indivíduo com deficiência, pontuando que “não é de hoje que pessoas com deficiência e seus corpos diferentes, protéticos, cegos, surdos ou sem movimentos são personagens de filmes e documentários no cinema em várias partes do mundo” e os enfoques foram mudando ao longo dos anos. Os primeiros destacavam o humor, seguidos por uma tendência que desumanizava os personagens com deficiência e, mais contemporaneamente, a característica é retratar a pessoa com deficiência em filmes de drama, colocando a deficiência como um drama pessoal para os personagens, além de uma

[...] tentativa tímida de humanização desses personagens [...] Longas-metragens com acidentes, veteranos de guerra e amputados eram os temas mais recorrentes nos quais o cinema lançava um novo olhar. Muitas vezes esse olhar era distorcido e em outras procurava se aproximar de uma realidade cheia de dificuldades, sem observar as complexidades de uma vida com deficiência (ALBUQUERQUE, 2008, p. 35).

Os filmes que integram o Festival *Assim Vivemos* (2021) apontam para um novo enfoque, uma nova tendência, pois os protagonistas se apresentam em situações de superação das barreiras cotidianas e não há foco em seus dramas pessoais, mas no trabalho e nas ruas, nos encontros com a família, participação em festas com os amigos, reconhecimento de talentos, prática de esportes, participação de projetos teatrais, criatividade para superar os desafios físicos e emocionais do dia a dia, aceitação e afirmação, vida independente, lutas diárias em relação à cor e à deficiência, ou seja, o foco está nas cenas do cotidiano. Os filmes não destacam as barreiras, entendidas por Fraz *et al.* (2019, p. 74) como

[...] qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação social da pessoa, bem como o gozo, a fruição e o exercício de seus direitos à acessibilidade, à liberdade de movimento e de expressão, à comunicação, ao acesso à informação, à compreensão, à circulação com segurança, entre outros.

As películas desafiam, inspiram, provocam e colocam ações, temporalidades e situações conhecidas, não conhecidas, vivenciadas e não vivenciadas que se abrem ao diálogo e ao conhecimento que enriquece o cenário educacional. E, o que distingue o filme, a linguagem

cinematográfica, de outros meios de representação é seu princípio básico: a reprodução fotográfica em movimento da realidade (AMARAL; MONTEIRO, 2016). Neste, “[...] uma intersemiose em que imagens, linguagens verbais e visuais, sons etc., estão imbricadas e incrustadas em personagens que ganham movimento e simulam uma história de vida que pode ser tanto divertida como comovente” (LOPES, 2009, p. 4). Como salienta Martin (1990), o filme suscita no espectador sentimentos relacionados à realidade de modo impactante e, algumas vezes, pode levá-lo a acreditar na existência objetiva do que aparece na tela.

Ver e interpretar cenas cinematográficas implica, sobretudo, perceber o significado que elas têm no contexto social do qual participaram e participam. Para Xavier (2008, p. 15),

[...] o cinema que “educa” é o cinema que faz pensar, não só o cinema, mas as mais variadas experiências e questões que coloca em foco. Ou seja, a questão não é “passar conteúdos”, mas provocar a reflexão, questionar o que, sendo um constructo que tem história, é tomado como natureza, dado inquestionável.

Sendo assim, ver filmes pode produzir uma série de sentidos e significados a partir dos contextos vividos e das histórias retratadas por meio da tela, seja essa tela a do cinema, do computador ou do celular: fator que potencializa a possibilidade de uso das obras cinematográficas no contexto da formação de professores.

4 REFLEXÕES EM OUTROS ESPAÇOS E COM OUTROS ESPECTADORES: O CINEMA, O TEMA E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Educar o *olhar* do professor em formação, mostrando-lhes outros referenciais de leitura para o ensino e aprendizagem abre um leque de possibilidades de análise e reflexão da realidade quando debruçamo-nos na relação Educação, inclusão e cinema. Para Chalud (2012), esta experiência é promotora e potencializadora de modos diferentes de ler; por meio da leitura estética e da leitura didática, amplia-se a rede de sentidos, sensações, compreensões, reflexões e interpretação sobre uma questão. Neste sentido, Xavier (2008, p. 14-15) pontua que

Desde o período do cinema mudo fez-se explícito o interesse pela análise da dimensão educativa do cinema em seus vários gêneros. De um lado, o cinema incorpora aquela dimensão formadora própria às várias formas de arte que cumprem um papel decisivo de educação (informal e cotidiana); de outro, ele pode se inscrever de forma mais sistemática no processo educativo, seja pelo uso de qualquer gênero de filme (ficção, documentário) em sala de aula, com interação direta com a fala do professor [...].

É possível superar também a visão do uso de filmes como recurso de segunda ordem, que apenas ilustra de forma mais atraente um conhecimento de fontes mais confiáveis ou como elemento paliativo para uma atividade cotidiana não realizada ou não planejada, como discutem

Duarte (2002) e Ferreira (2009). Filmes – ficção ou documentários – na universidade proporcionam uma ampliação do conceito de formação, trazendo em seu bojo a formação ética-estética e política (OLIVEIRA, 2017).

A perspectiva didática trata de utilizar as produções cinematográficas como fontes de discussão sobre a inclusão, de analisar o cinema como agente da história, como instrumento didático e como documento. Segundo Duarte (2002, p. 106),

Analisar filmes ajuda professores e estudantes a compreender (apreciar e, sobretudo, respeitar) a forma como diferentes povos educam/formam as gerações mais novas. É sempre um novo mundo, construído na e pela linguagem cinematográfica, que se abre para nós quando nos dispomos a olhar filmes de conhecimento e de informação.

O papel do professor no processo de recepção do texto audiovisual se constitui um espaço em que as diversas construções de significados acontecem e que dependem, por sua vez, da lógica cultural e do contexto no qual o aluno estiver inserido. Conforme aponta Bernadete Gatti (2016), a educação está imersa na cultura dos sujeitos, nos estilos de vida e em seus meios de comunicação. Deste modo, segundo a autora,

De um lado, a multiplicação e diferenciação dos conhecimentos produzidos pelas ciências e artes ressoam no campo educacional - nos sistemas de ensino, nas escolas, nas salas de aula – causando, de um lado críticas, pela obsolescência do ensinado nas escolas ou pela sua insuficiência (quer na educação básica, quer na superior), e, de outro, provocando perplexidades ante o que fazer com os currículos escolares e a formação de professores (GATTI, 2016, p. 166).

Em consonância, para Duarte (2002, p. 91), na Educação “tudo depende dos objetivos que orientam a escolha dos conteúdos com os quais se deseja trabalhar – relação do professor/aluno, currículo, imagens de professores, prática pedagógica, conflitos, etc. – e da forma de abordá-los”. Assim sendo, tanto a formação inicial quanto a continuada trazem a criatividade para suas aulas ao abrir-se para o cinema (NUNES *et al.*, 2017), por meio de ação intencional e reflexiva.

Ferreira (2009, p. 97) explica a importância de se dominar os códigos da linguagem audiovisual, das instituições educativas de formação de professores proporcionarem a leitura e a compreensão dessa linguagem por meio do estudo de filmes. Nesse sentido, o autor cita que “Ensinar/aprender a partir do e para o cinema é uma excelente forma de aprendizagem porque auxilia o aluno, futuro educador, a vincular novos conteúdos a outros fortemente enraizados trazidos de sua vivência”, como a inclusão de pessoas com deficiência/acessibilidade. Uma vez que a linguagem audiovisual “[...] oferece a possibilidade de rever o já visto, trazer à mente o que já foi esquecido, sentir o já sentido, tudo isso de modo ampliado capaz de causar sensações

imprevisíveis que vão da alegria à comoção, da dúvida ao deslumbramento, da surpresa à estesia” (LOPES, 2009, p. 4).

Chaluh (2012) explica, a partir da experiência do uso de filmes em aulas de graduação, que sua utilização no contexto da formação potencializa a experiência estética e se constitui como elemento provocador e potencializador de interpretações de mundo. Nesse caso, o Festival *Assim Vivemos* pode ampliar a reflexão acerca das pessoas com deficiência e pode causar, como nas palavras da Chaluh (2012, p. 148), “reflexão, emoção, realidade, profissão, impacto... Com certeza, o ‘impacto’ dos filmes nos meus alunos foi provocativo, em todos os sentidos”. Assim, a possibilidade de reflexão que promove e subsidia processos formativos, neste contexto de graduação, auxilia nas dificuldades, nos percalços e problemas que “estudantes-quase-professores” deparam-se na formação inicial (GUEDES-PINTO; KLEIMAN, 2021, p. 3).

Teixeira, Grammont, Azevedo (2014), ao dialogar sobre as representações da profissão docente no cinema, argumentam que as reflexões ampliam-se a partir das indagações que fazemos por meio de certos filmes e esse fato pode colaborar para que professores vejam a realidade com um olhar mais cuidadoso, potencializando indagações sobre as percepções e os valores sociais vigentes. Defendem que a educação cinematográfica pode configurar-se como um dever pelas exigências contínuas da sociedade brasileira e como uma necessidade, ou seja, um direito quando entendida sob a perspectiva da formação humana subjacente à formação de professores, uma vez que constitui-se integrante na construção da identidade dos professores. E mais,

O trabalho com os filmes se torna necessário na perspectiva de favorecer o empoderamento do professor como espectador e mediador dessa aprendizagem em relação aos estudantes, atendendo a uma demanda social que merece atenção e apoio em diversos âmbitos institucionais relacionados à organização da educação escolar neste país (TEIXEIRA; GRAMMONT; AZEVEDO, 2014, p. 133).

Portanto, considerar o cinema como recurso pedagógico que potencializa a comunicação e a expressividade da linguagem audiovisual possibilita que festivais de cinema como o *Assim Vivemos* tornem-se foco de interesse na formação inicial e continuada, uma vez que agrega filmes sobre temáticas específicas de modo sistemático e contínuo, o que possibilita uma seleção interessante e diversificada com olhar plural. Além disso, tem-se a proposição de debates dentro da sua organização (NAUJORKS; REAL; MOHR, 2011).

Os cursos de extensão universitária são outro modo de focar o cinema na formação de professores, um exemplo é a experiência de extensão publicada por Mello (2016, p. 34), em

que os participantes, entre eles graduandos de pedagogia e licenciaturas, vivenciaram e produziram filmes a partir da temática da produção de vídeos em ambientes educacionais que resultou na ampliação da visão dos participantes sobre o potencial do cinema e a capacidade de ressignificar a realidade. O que foi enfatizado quando o autor rememorou com os participantes “[...] as intenções políticas presentes na legislação educacional, destacando como em muitos casos esta preconiza o ensino cidadão, crítico e de valorização dos sujeitos como agentes transformadores do tempo e do espaço”.

A produção cinematográfica acerca das pessoas com deficiência pode apresentar possibilidades instigantes e provocativas na formação do professor que atua ou atuará, no exercício da profissão, com pessoas com necessidades educacionais específicas e poderá encontrar desafios no que tange à acessibilidade e outras situações. Pode, ainda, proporcionar reflexão e ampliar a visão acerca da potencialidade dos seres humanos, seus desafios, silenciamentos, estratégias de sobrevivência e muito mais. Conforme Naujorks, Real e Mohr (2011, p. 137), “na formação docente, experiências que envolvem cinema, narrativas com personagens com deficiência e debates sobre os filmes têm se apresentado como potentes ferramentas de reflexão e construção de conhecimento”. Nesta linha, Moura *et al.* (2021) enfatizam a relevância da inserção de ações/atividades inclusivas na formação inicial do professor, pois possibilitam mudança atitudinal nos estudantes e impacta positivamente as práticas pedagógicas cotidianas.

Neste sentido, Santos (2020, p. 138) defende que as trocas de experiências, apresentadas nos enredos dos filmes, possibilitam uma formação profissional mais crítica e reflexiva, além de contribuir com um repertório diversificado de práticas inclusivas. E, o uso de diversas linguagens durante a formação pode aguçar a criatividade do professor e contribuir para aulas mais inclusivas, criativas e dialogadas. Dessa forma, como aponta a pesquisadora, contribuindo para se “[...] quebrar o paradigma de que a inclusão só é necessária para o público do Ensino Especial”.

As temáticas trazidas pelo Festival *Assim Vivemos* em 2021, que tem como foco sujeitos com deficiência e suas vivências, vão desde a invisibilidade, como no caso Judith Scott retratado em *O que tem debaixo do seu chapéu* (Espanha, 2006) até ao estabelecimento de relações mais igualitárias como a de Sergey que, aos 22 anos, percebe-se incluso na trama social com os desafios comuns a todos, independentemente de suas especificidades, em *Ver e crer* (Rússia, 2007), tem potencial transformador (vide Quadro 1). Visto que trazem para a cena da formação de professores outros modos de perceber as histórias, convivências, angústias, vitórias, perdas, distanciamento, vivências pessoais e profissionais de pessoas com deficiências

e os desafios enfrentados por elas no dia a dia, assim como, pensar os fatores sociais em geral e o papel da escolarização no contexto da Educação Especial e da inclusão. Possibilitando trabalhar “o ver, a sensibilização e a conscientização da realidade” (CANDAU *et al.*, 2003, p. 115).

Porquanto, a relação entre cinema e educação está na possibilidade de ampliação do olhar e entendimento de mundo que este tipo de arte proporciona, pois a produção cinematográfica possibilita a compreensão de mundo, uma vez que o olha de outro modo ou de outros modos. Mostra as realidades por meio de contextos, histórias, ângulos, focos, planos, cenários e o faz com a liberdade de criação, típica das artes, por isso pensar em modos de considerar a obra cinematográfica, como exposta no Festival *Assim Vivemos*, na formação de professores, é desvelar oportunidades de ver a questão da inclusão e da deficiência por outros ângulos e planos, com sentidos e significados mais ampliados e dialogados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Festival *Assim Vivemos* pode constituir um material audiovisual diferenciado e acessível para contribuir com a formação docente, pois as temáticas dos filmes são amplas e diversificadas, o que colabora para a ampliação das discussões e da inclusão de outras linguagens durante o percurso formativo. Ademais, o festival pode aumentar os saberes sobre essa temática em outros contextos, pois exhibe filmes nacionais e internacionais.

Destarte, o Festival *Assim Vivemos* se configura como ação de inclusão, pois dá visibilidade e coloca no centro da discussão a temática da pessoa com deficiência, possibilitando debates e análises baseadas em histórias retratadas por meio de filmes que trazem, em seus enredos, histórias diversas de pessoas que vivem e enfrentam os desafios de ser diferente, mas que, diante dos contextos, estão em interação constante, vivendo, aprendendo, decepcionando-se, enfrentando barreiras, lutando, por isso, a participação no festival já se constitui como atividade formativa. E, outro fator de destaque é que, em 2021, pelo advento da atual pandemia do novo coronavírus (Covid-19), o festival aconteceu 100% on-line, o que democratizou ainda mais o acesso às produções.

Ao retomar o objetivo de refletir sobre a potencialidade da utilização de filmes (do cinema) como instrumentos de mediação do tema inclusão na cena de formação de professores, tendo como base a seleção de filmes do Festival *Assim Vivemos* (edição de 2021), aponta-se que a formação de professores precisa considerar a produção cinematográfica e outras linguagens como formadoras e potencializadoras das discussões sobre temáticas diversas,

colocando foco, neste artigo, para possíveis reflexões acerca da inclusão por meio dos filmes do festival, que trazem o assunto em situações e cenas variadas, por isso, múltiplas abordagens.

A potencialidade pedagógica do Festival *Assim Vivemos* está em oferecer material diferenciado, amplo e compilado sobre a temática da inclusão considerando os sujeitos em suas especificidades, garantindo o *nada sobre nós, sem nós*: por isso a pertinência de sua utilização neste cenário de formação dos professores.

Consequentemente, as implicações educacionais desta discussão perpassam pela consideração, tanto na formação inicial quanto continuada de professores, da acessibilidade à cultura, da linguagem cinematográfica e suas possíveis contribuições para a ampliação dos debates sobre inclusão dos estudantes com deficiência, suas potencialidades e especificidades, além de olhar prospectivo.

Refletir sobre a inclusão das pessoas com deficiência e o acesso à cultura traz no bojo da discussão a educação em direitos humanos, alinhando-se a uma educação como ato político como afirmam Vieira e Moreira (2020). Por isso, a necessidade de a educação abranger uma formação em outras dimensões, principalmente, a dimensão cultural.

Contudo, as limitações do artigo tangenciam para a necessidade de investigações que procurem compreender, na empiria, como professores interagem e elaboram conhecimentos utilizando os filmes como instrumentos de mediação do tema inclusão e educação, fator que se constitui como indicativo para futuras pesquisas. Assim como estudos da relação destes com a interface Educação e Cultura, desde a cena da formação inicial até a continuada.

6 REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Marcio Alves de. **A pessoa com deficiência e suas representações no cinema brasileiro**. 2008. 84f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

ALMEIDA, Milton José. **Imagens e sons: a nova cultura oral**. São Paulo: Cortez, 2001.

AMARAL, Mateus Henrique do; MONTEIRO, Maria Inês Bacellar. Análise de obras cinematográficas para compreender as concepções de professores sobre o aluno com deficiência. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília (SP), v. 22, n. 4, p. 511-526, Out.-Dez., 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/pCD4CGyLfQZVTjRtTqpb4xF/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 12 ago. 2021.

ANCINE, Agência Nacional do Cinema. **Instrução Normativa nº 116**, de 18 de dezembro de 2014. Dispõe sobre as normas gerais e critérios básicos de acessibilidade a serem observados por projetos audiovisuais financiados com recursos públicos federais geridos pela ANCINE;

altera as Instruções Normativas n.º 22, de 30 de dezembro de 2003, n.º 44, de 11 de novembro de 2005, n.º 61, de 7 de maio de 2007 e n.º 80, de 20 de outubro de 2008, e dá outras providências. Rio de Janeiro: ANCINE, 2014. Disponível em: <https://antigo.ancine.gov.br/pt-br/legislacao/instrucoes-normativas-consolidadas/instru-o-normativa-n-116-de-18-de-dezembro-de-2014>. Acesso em: 10 abr. 2021.

BARBOSA, Alexandre F. Introdução. In: MARANHÃO, Maximiliano Salvadori (coord.). **TIC Cultura 2018: Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos equipamentos culturais brasileiros/ Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2019. p. 21-25. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/1/tic_cultura_2018_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 14 jun. 2021.

BARBOSA, Andreia; CUNHA, Edgar Teodoro. **Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2006.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, v. I (Obras Escolhidas).

BRASIL, Presidência da República. **Lei nº 13.146**, de 6 de julho de 2015, que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm#:~:text=Art.,sua%20inclus%C3%A3o%20social%20e%20cidadania. Acesso em: 16 jun. 2021.

BRASIL, Senado Federal. **Lei nº 14.009**, de 3 de junho de 2020, que altera o art. 125 da Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015 (Estatuto da Pessoa com Deficiência), para dispor sobre a acessibilidade para pessoas com deficiência nas salas de cinema. Brasília, DF: Senado Federal, 2020.

CANDAU, Vera Maria Ferrão; SACAVINO, Susana Beatriz; MARANDINO, Martha; BARBOSA, Maria de Fátima M.; MACIEL, Andréa Gasparini (orgs.). **Oficinas Pedagógicas de Direitos Humanos**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CHALUH, Laura Noemi. Filmes na formação de futuros professores: educar o olhar. **Educação em Revista**, Belo Horizonte (MG) v. 28, n. 2, p. 133-152, junho de 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/edur/v28n2/a07v28n2.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2021.

DALL'AGNOL, Talita Cazassus. Democratização do acesso ao cinema no Brasil. **Diário da Inclusão Social – DIS**, novembro/2019. Disponível em: <https://diariodainclusaosocial.com/2019/11/11/democratizacao-do-acesso-ao-cinema-no-brasil/>. Acesso em: 15 abr. 2021.

DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2002.

FERREIRA, Adriana Marques. **Cinema e Educação: uma reflexão sobre a formação dos educadores na/para a linguagem audiovisual**. 2009. 109f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora (MG), 2009.

FERREIRA, Windy Brazão. 20 anos depois de Salamanca... onde estamos e para onde vamos? **Póiesis Pedagógica**, Catalão (GO), v.13, n.1, p. 87-106, jan/jun. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/poiesis/article/view/35977/18638>. Acesso em: 1 mai. 2021.

FRAZ, Joanne Neves. **Olhares sobre a História de Brasília**: uma análise das representações de estudantes sobre a história de Brasília hoje, a partir do documentário Brasília segundo Feldman. 2004. 167f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília - UnB, Brasília, 2004.

FRAZ, Joanne Neves; HOTT, Daniela Francescutti Martins; MOREIRA, Geraldo Eustáquio; RODRIGUES, Georgete Medleg. Tecnologia Assistiva: Produtos e Serviços Disponíveis da Internet. **PontoDeAcesso - Revista do Instituto de Ciência da Informação da UFBA**, Salvador, v. 13, p. 70-84, 2020. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/35225/20736>. Acesso em: 1 mai. 2021.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e Educação**: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2013.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Trad. Flávio Paulo Meurer. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes. Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2015.

GATTI, Bernadete A. Formação de Professores: condições e problemas atuais. **Revista Internacional de Formação de Professores (RIFP)**, Itapetininga (SP), v. 1, n. 2, p. 161-171, 2016. Disponível em: <https://periodicos.itp.ifsp.edu.br/index.php/RIFP/article/view/347/360>. Acesso em: 16 jun. 2021.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia; KLEIMAN, Angela B. O dizer do outro na constituição identitária de professores em formação. **Cadernos de Pesquisa**, 51, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053147039>. Acesso em: 15 abr. 2021.

HOTT, Daniela Francescutti Martins; FRAZ, Joanne Neves. Acessibilidade, tecnologia assistiva e unidades de informação: articulações à realidade da inclusão. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 24, n. 4, p. 199-210, out./dez. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pci/v24n4/1413-9936-pci-24-04-199.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2021.
LOPES, Francisca Rodrigues. Cinema: do entretenimento à prática social. In: SIMPÓSIO NACIONAL ABCIBER, 3, 2009. São Paulo. **Anais...**, São Paulo, ESPM/SP, 2009.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MELLO, Rafael Cardoso. Luz, câmera, (educ)ação: a trajetória do cinema e os professores em formação. In: PERINELLI NETO, Humberto (org.). **Ver, fazer e viver cinema**: experiências envolvendo curso de extensão universitária [online]. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016. p. 29-39. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/k53tv/pdf/perinelli-9788579837586.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2021.

MOURA, Ellen Michelle Barbosa de; FRAZ, Joanne Neves; SANTOS, Karla Vanessa Gomes dos; MOREIRA, Geraldo Eustáquio. Grandezas e Medidas no Contexto da Inclusão: a

Educação Matemática na formação do professor. **Educação Matemática Debate**, v. 5, p. 1-25, 2021. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/emd/article/view/3778/4230>. Acesso em: 20 mai. 2021.

NAUJORKS, Maria Inês; REAL, Daniela Corte; MOHR, Alana Claudia. Deficiência, cinema, imaginário e formação docente. **Rev. Educ. Espec.**, Santa Maria (RS), v. 24, n. 41, p. 427-440, set./dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/4361/2700>. Acesso em: 24 abr. 2021.

NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR - NIC.br (Ed.). **Pesquisa web sobre o uso da Internet no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus: Painei TIC COVID-19** [livro eletrônico]. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2021. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20210426095323/painel_tic_covid19_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 11 ago. 2021.

NUNES, Celia Maria Fernandes; TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; DINIZ, Margareth; ARAÚJO, Maria Jaqueline de Grammont Machado de; GUSMÃO, Milene de Cássia Silveira; OLIVEIRA, Valeska Fortes de (orgs.). **Telas da Docência: Professores, professoras e cinema**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2017.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de. Isso aqui está virando brasil... Cinema e produções audiovisuais no espaço da formação de professores. **Revista Digital do LAV – Santa Maria**, vol. 10, n. 2, p. 92 – 106 – mai./ago. 2017 ISSN 1983 – 7348, <http://dx.doi.org/10.5902/1983734828789>. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3370/337052479007.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2021.

OMOTE, Sadão. Normalização, integração, inclusão. **Ponto de Vista**, Florianópolis (SC), v. 1, n. 1, p. 4-13, 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/1042/1524>. Acesso em: 14 abr. 2021.

POZZOBON DA COSTA, Graciela. Sobre o festival. **Assim vivemos on-line**. Abr./2021. Disponível em: <https://assimvivemos.com.br/2021/online/sobre-o-festival/>. Acesso em: 16 jun. 2021.

RIBAS, João Baptista Cintra. **O que são pessoas deficientes?** São Paulo: Brasiliense, 1989.

RIEGEL, Viviane; PELLERANO, Joana; MADER, Renato Vercesi; BEKESAS, Wilson Roberto. Fruição cultural em meios digitais: conectividade para acesso à diversidade cultural. In: MARANHÃO, Maximiliano Salvadori (coord.). **TIC Cultura 2018: Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos equipamentos culturais brasileiros/ Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2019. p. 43-49. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/1/tic_cultura_2018_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 16 abr. 2021.

SANTOS, Karla Vanessa Gomes dos. **Práticas pedagógicas de professores das salas de recursos de Altas Habilidades/Superdotação do Distrito Federal segundo a Teoria de**

Joseph Renzulli. 2020. 152f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade de Brasília-UnB. Brasília, DF, 2020.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; AZEVEDO, Lúcia de Faria; GRAMMONT, Maria Jaqueline de. “Me ajuda a olhar!” O cinema na formação de professores(as). **Educação em foco**, Belo Horizonte (MG), ano 17, n. 24, p. 123-143, dez. 2014. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/579/412>. Acesso em: 30 ago. 2021.

VIEIRA, Lygianne Batista; MOREIRA, Geraldo Eustáquio. Contribuições da Educação Matemática para a cultura de respeito à dignidade humana. **RIDH - Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos**, Bauru (SP), v. 8, n. 2, p. 173-188, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://www3.faac.unesp.br/ridh/index.php/ridh/article/view/840/406>. Acesso em: 24 abr. 2021.

XAVIER, Ismail. Um Cinema que “Educa” é um Cinema que (nos) faz Pensar. **Revista Educação & Realidade**. Volume 33, nº 1, janeiro/junho 2008 (Dossiê Cinema e Educação). Porto Alegre, RS: UFRGS, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3172/317227051003.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2021.